



encontros com o mundo das regras da escrita ou com o mundo de possibilidades desta tecnologia da inteligência³, com uma espécie de escrita potência de construção do ser que se expressa na representação de universos significacionais. Quer dizer, foram encontros que produziram uma relação prazerosa ou temerosa com a escrita? Pensando de outra maneira, quando você precisa escrever um texto, o que aparece primeiro ou é mais forte - a possibilidade de obtenção de prazer ou um certo desconforto, uma descrença neste potencial de satisfação? Resgato também algumas lembranças para compartilhar contigo. Vamos, então...

CENA 1 - UMA RELAÇÃO FRATERNA COM A ESCRITA - CLAQUETE!

Era madrugada. Meu irmão mais velho, Cláudio, tinha acordado antes de mim e me chamara para mais um encontro de leituras. Éramos ainda muito crianças. Não sei ao certo a nossa idade. Lembro, no entanto, de modo muito intenso, da sensação de cumplicidade que se estabelecia na relação fraterna de crianças que se encantavam com o mundo de Monteiro Lobato. Cada nova aventura no ‘reino das Águas Claras’, cada peripécia da Emília, era reflexo da intensidade de uma relação que se constituía. Foi meu irmão que me ensinou a amar as palavras, que me ensinou a ler, alguém que me ensinou o encanto da relação simbólica entre os traços e o sentido.

Fora de casa, o silêncio de uma madrugada em Guarantã, pequena cidade do interior de São Paulo, onde nasci. Os sons são os típicos do interior. E, dentro de nós, universos em transmutação, processos de conhecimento, reconhecimento e encantamento do mundo.

CENA 2 - ENCANTO E RESPEITO PELA ESCRITA - CLAQUETE

Na saída da aula, era sempre uma correria. Gritos. O som do Grupo Escolar de Guarantã ainda hoje é tão forte em mim. Estava no início do segundo ano. Não fiz o primeiro, graças à dedicação do meu primeiro professor, na vida, o Cláudio. Naquele dia, encontrei a Dona Mituro, vice-diretora da escola. Uma descendente de japoneses, séria e simpática ao mesmo tempo. Interpelei-a. “Dona Mituro, quem inventou o ‘a’?” Ela titubeou, como se não

³ Referência ao texto de Pierre LÉVY com este título.



acreditasse. “Como?”. Repeti a pergunta e ela não soube responder. Disse que o ‘a’ não era propriamente uma invenção...e tá,tá, tá.... Eu fiquei meio frustrada, mas entendi.

Dias depois, no final da aula, Dona Mituro pediu licença para a professora e disse que tinha vindo responder a uma pergunta feita por uma aluna. Explicou que no momento da pergunta não soube responder e que tinha feito uma pesquisa. Falou um pouco do início da escrita, das pinturas nas cavernas que começaram a representar o mundo...Eu me encantei com a resposta, apesar de não ficar sabendo quem inventou o ‘a’. Encantei-me principalmente com o tratamento que recebi da Dona Mituro... Respeito, conhecimento, marca de ser bem tratada.

CENA 3 - NÃO EXISTE TEXTO PERFEITO - CLAQUETE!

O Senhor Paschoal, professor de Português do ginásio, tinha pedido uma redação, que agora não lembro bem se era sobre ‘as minhas férias’ ou sobre ‘a infância’. Tudo bem. Não é um exemplo de criatividade em termos de temática. Não importa. Mais do que nunca hoje entendo que qualquer assunto rende um bom texto. Não há nenhum grande problema na repetição das temáticas. Além disso, este foi um dos meus melhores professores de Português. Na escola pública Ginásio Estadual Professor José Egéa, ainda em Guarantã, pude me encantar com análise sintática, sentindo-me mais segura com toda lógica estrutural da produção escrita. Achava que podia aprender todas as regras e, assim, meu texto seria perfeito. Decepção. Mesmo sendo obsessiva, revisando não sei quantas vezes minha escrita antes de entregá-la ao professor, naquela ocasião ficou faltando um acento...na palavra “pôde”, conjugação do verbo. Pode?? Bom, mas o mais interessante da lembrança foi a fala do professor, ao me entregar o texto. Senhor Paschoal, professor sério sem ser sisudo, alto, rosto fino, tímido, pele branca branca...de bigode, com meu texto na mão disse: “Maria Luiza, seu texto está muito bom. Só que você tenta ser perfeita, mas não existe o texto perfeito. Faltou o acento”.

No dia fiquei frustrada. Como eu podia ter esquecido o acento? Tinha revisado tanto... Hoje entendo a situação a partir de um outro prisma. Não existe o texto perfeito. Quem bom! Então, porque o meu teria que ser perfeito? Percebo hoje que a idealização do texto, a lógica



do texto perfeito, representa uma causas de não produção escrita do sujeito, de não impressão... de não entrega... de não comunicação através deste dispositivo. Que pena!

CENA 4 - REGRAS SÃO APENAS INSTRUMENTO - CLAQUETE!

Fazia o pré-vestibular no PVSinos, em São Leopoldo. O professor tinha pedido uma redação sobre Educação e Desenvolvimento. Tinham-se passado quase duas horas e eu não me contentava com nada que tinha começado a escrever. Tudo parecia ridículo... Ficava lembrando das regras para elaboração de uma redação. Introdução. Desenvolvimento e Conclusão. Cuidar para não começar assim. Cuidar para não começar assado. Não adianta. Não saía. De repente, indignei-me. Fiquei pensado...peráí...eu sempre escrevi... Pode ser que não consiga seguir aquelas regras, mas alguma coisa tenho que poder escrever. Em 15 minutos, escrevi um texto com as minhas idéias e entreguei. Na outra semana, recebi o texto corrigido, com algumas vírgulas fora do lugar, cheio de elogios do professor. O texto tinha ficado bom. Entendi que só consegui escrever quando deixei de pensar nas regras, em primeiro lugar. Aprendi que, para escrever, as regras são instrumento. Não podem escravizar a gente. Se não, o texto não sai. Trava.

CENA 5 - A ESCRITA VIRA PAIXÃO-PESQUISA - CLAQUETE!

Havia um tempo eu já vinha pensando em desenvolver uma pesquisa sobre a escrita. Naquele dia, faltava meia hora para a defesa da dissertação, encontrei o professor Mauro Wilton, no corredor da ECA⁴. Falei da minha apreensão com a defesa e ele disse para eu não me preocupar que daria tudo certo. Na conversa, depois de falarmos sobre amenidades, ele afirmou: “Interessante a questão da escrita... Tenho pensado nisso...”. Surpresa, compartilhei o que ainda era um projeto de um projeto: “Meu doutorado vai ser sobre a escrita, sobre processos de escrita”. Minha dissertação de Mestrado foi aprovada naquele dia e um mês depois eu estava fazendo seleção para o Curso de Doutorado, tentando ser orientanda do professor Mauro. Sinais das Marcas. Sincronicidade..Meu doutorado começou assim...

⁴ Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.



CENA 6 - JOVENS ADULTOS E A ESCRITA EM CRISE. CLAQUETE!

Na minha frente, um rapaz de olhos grandes, corpo curvado, jeito de menino, afirma: “Eu não sei como começar...O difícil é começar...Sabe, eu tenho tantas idéias, mas na hora de botar no papel não sai nada. Acho que...esse lance de escrever. Não... eu sei que é importante... acontece que começo sempre a pensar em vídeo....Já vou pensando que podia fazer assim, pá, enquadrar, botar uma trilha....É legal também...Ah! Ô Malu, porque não dá pra fazer a monografia em vídeo?” CORTA. Um outro aluno, cabelos compridos, encontra-me e dispara: “Malu, podemos discutir o lance da coisa aquele?”. E eu respondo, brincando, sem entender ou me lembrar do que se tratava: “Evidentemente não. Eu não vou discutir lance nenhum...” Ele, surpreso, complementa: “Mas, ô Malu, aquele lance que combinamos ontem”. Eu não entendia o que ele dizia e fiquei pensando nisso: o lance da coisa. O que seria o lance da coisa aquele??? Sinais das marcas. Minha paixão pelos alunos tem sido um dos meus sustentos existenciais e é um dos grandes motivos para estudar processos de escrita.

Depois desta coleção de flash-backs⁵, quero discutir um pouco algumas pistas que encontrei sobre os processos de escrita. Venho, há alguns anos, desenvolvendo trabalhos que visam à potencialização da expressão e comunicação escrita do sujeito. Estas pistas derivam da dimensão complexa da experiência pessoal de escritora, ser vivente que se expressa através de palavras escritas, de jornalista, de professora, de pesquisadora, de leitora... São resultado de uma vivência apaixonada com o ato de escrever e com tudo que envolve Comunicação.

Neste ponto, penso ser importante clarear o conceito de Comunicação com o qual trabalho. Considero comunicação como um fenômeno complexo, associado à noção de trama: Comunicação é interação de sujeitos, a partir do fluxo constante e multidirecional de informações entre eles, numa espécie de trama-teia, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, concretos e abstratos. Acrescento que, para existir comunicação, os elementos integrantes da trama-teia têm que, necessariamente, afetar mutuamente os sujeitos envolvidos - sendo que afetar aqui significa tocar os afetos, mobilizar, transformar, produzir diferença.

Vamos esmiuçar esta abordagem um pouco mais...Partindo do sentido literal, temos que:

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

A palavra comunicação deriva do latim, *comunicare*, cujo significado seria tornar comum, partilhar, repartir, associar, trocar opiniões, conferenciar. Comunicar implica participação (*comunicatio* tem o sentido de participação) em interação, em troca de mensagens, em emissão ou recebimento de informações novas.⁶

A formulação clássica de Rabaça e Barbosa permite já começar a discutir a trama comunicacional, segundo a lógica da complexidade⁷. Sim, porque tornar comum, compartilhar sentidos, não é algo que se faça sem a interação de mundos significacionais dos sujeitos. E estes sujeitos são espécies de campos de forças, marcados por múltiplas influências. Sujeitos que se constituem no imbricamento de forças múltiplas. A interação de sujeitos, portanto, ocorre numa relação processual, numa rede intrincada de relações, típica de multiplicidade de campos em que os sujeitos estão envolvidos⁸.

Vale ressaltar aqui que a interação de sujeitos, característica da trama comunicacional, não deve ser entendida como necessariamente amistosa, pacífica, mas como encontro de campos de força. Encontro que transforma. Sempre que há comunicação, os sujeitos envolvidos, justamente pelo encontro-interação realizado, saem diferentes. E isso é feito a cada instante, cada vez mais e mais, aceleradamente. Resulta, então, um constante defrontar-se com re-inícios, com a necessidade de começar de novo, já que os próprios processos comunicacionais incumbem-se de produzir novas ambiências. Claro que esta substituição freqüente de ambientes torna ainda mais desafiadora a tarefa de conviver com os complexos processos de Comunicação, assim como estes se colocam como desafio às próprias relações. A produção de relações cúmplices, parceiras, destaca-se, então, como o resultado de superação do sujeito em relação ao cotidiano estonteante, estressante, a que está submetido - ao mesmo tempo em que também é deste produtor.

Lembro aqui de uma oficina com a qual tenho trabalhado há vários anos, “A comunicação das Baratas Tontas”⁹, para tentar explicitar a noção de trama comunicacional. Resumidamente, podemos pensar que somos o tempo todo emissores e receptores, envolvidos

⁵ “Qualquer imagem que se refere a uma época anterior à da narrativa”. Carlos Alberto RABAÇA e Gustavo BARBOSA, op.cit.,p.269.

⁶ Carlos Alberto RABAÇA & Gustavo BARBOSA, op.cit.,p.151.

⁷ Fundamento-me aqui em Edgar MORIN e Fritjof CAPRA, para trabalhar sob esta ‘lógica’. Ver bibliografia.

⁸ A noção de subjetividade fundamenta-se principalmente em Felix GUATTARI e Suely ROLNIK.

⁹ Esta oficina está descrita nos seguintes textos meus: revista *Logos*, Ano 5, nº2, 1993 e Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos, Canoas, ULBRA, 1996.



numa espécie de teia múltipla. As propostas de mensagens dos diversos meios de comunicação - tanto maquínicos quanto humanos - são inúmeras, a tal ponto que entramos numa espécie de ‘baratatontice’. Trata-se de um estontear-se, a partir do qual não sabemos mais o que sabemos. O pensamento torna-se confuso, com dificuldade de reflexão, de retenção de informações. Pior, as informações vão sofrendo uma constante distorção, decorrente da passagem de múltiplos filtros. E esta distorção acaba por nos conduzir a processos de não comunicação.

Acredito que caminhamos para situações cada vez mais freqüentes de ‘não-comunicação’, porque vivemos sob a lógica do efeito “telefone sem fio”¹⁰. O problema é que agora este efeito, que na brincadeira produzia apenas situações muito engraçadas, tem dimensões mundiais, num mundo marcado pela globalização que, diga-se de passagem, está ligada diretamente aos processos de jogos de poder em nível mundial.

É justamente neste contexto de aceleração desenfreada, de acúmulo e substituição das informações que vive o ser humano contemporâneo. O mesmo que gostaríamos fosse o ser escritor ou o ser que ensina a ser escritor, ou mesmo o leitor. Este ser humano vive num mundo caracterizado pela crescente presença de processos de visualização¹¹ e desterritorialização¹², numa constante substituição de elementos visuais, bem como de propostas de estratégias de prazer.

O desenvolvimento das tecnologias da comunicação de modo a apreender o real em movimento - associando texto e imagens e sofisticando a produção dos processos, maquinizando o fazer comunicacional - gera uma precibilidade freqüente dos dispositivos, transferindo o desejo de aprendizado e de contato sempre para um outro lugar. O sujeito acelera-se...não se inscreve, não escreve.

¹⁰ Referência à brincadeira infantil com este nome.

¹¹ Referência a Regis DEBRAY, Vida e Morte da Imagem. Neste livro, o autor trata do que chama de mídiasferas da humanidade, defendendo que não estamos mais na era da imagem, mas na do visual. O que diferencia, basicamente, estes dois conceitos é que a imagem existe para ser contemplada, enquanto o visual é percebido como processo de visualização, ou seja, substituição sucessiva de visuais. Uma imagem que se desmancha no ar, num processo sempre em novas conformações. Tempos de desmanche. Desmanche das formas, do concreto, da imagem.

¹² Referência a conceito de Félix GUATTARI. A noção de território trabalhada por este autor diz respeito a uma região de controle, onde o sujeito se sente ‘em casa’. Trata-se de um território dos afetos, de uma situação emocional conhecida, em que há a possibilidade de um certo domínio das regras. A desterritorialização é, portanto, a perda desse controle, ‘a perda do chão de si mesmo’. Ver Félix GUATTARI e Suely ROLNIK, Cartografias do Desejo.

O que acontece é que o caráter de sedução que tem a imagem, e mais ainda o visual, coloca este sujeito em condições precárias para a produção de textos. O processo de visualização é fascinante. É oferecido em abundância para o sujeito contemporâneo, enquanto o processo de escrita implica em uma espécie de trabalho. Brincando com os alunos em sala de aula, quando eu peço para escrever ou ler um texto e eles começam a se espremer na cadeira, eu digo: “É muita letra, né, uma atrás da outra, pra formar palavra, depois frase, raciocinar e tudo...eu reconheço, mas faz um esforço”.

O que eu quero dizer, então, é que o processo de escrita ou leitura implica em reflexão e a trama comunicacional contemporânea não propõe isso. É uma substituição constante e acelerada de estímulos que propõem apenas o sentir, sem pensar, numa proposta de regressão, de infantilização, que encaminha a humanidade para o crescimento das tribos urbanas, uma espécie de barbárie dos sentidos.¹³

A trama comunicacional contemporânea está fortemente ligada à necessidade de atender às expectativas do receptor, já que o mercado é feroz, em todos os sentidos, e o sujeito ‘baratatonta’ é disputado o tempo todo entre muitos e múltiplos e simultâneos emissores. Os processos de escrita contemporâneos encontram-se em crise também porque há uma luta desesperada, no sentido de querer corresponder às expectativas do leitor - este, por sua vez, também múltiplo e inserido num mercado feroz. E esse ‘desespero’ aciona mecanismos que impulsionam o sujeito em busca do texto ideal que, como não poderia deixar de ser, não é real, não é possível. Se perfeito não existe e o sujeito não quer se mostrar imperfeito - até porque o mercado pede perfeição - então, o processo trava, o sujeito não escreve. Não erra, mas também não se expressa. Não comunica.

Aliada a procedimentos capitalísticos mundiais, a trama comunicacional contemporânea conduz o sujeito a um processo acelerado, a um modo de viver sempre com pressa, em débito com o presente. Eu sempre digo que o problema da vida é que tudo é fundamental. E o que se coloca como fundamental para cada sujeito é sempre tanto, tanto... sempre muito mais do que é possível. Daí que o sujeito é também acelerado, correndo em busca de uma busca que na verdade não termina. Algo como uma sucessão de janelas de computador, que vão se abrindo e ofertando novos links, novas conexões. Hipertexto.¹⁴.O

¹³Ver Michel Maffesoli, A Contemplação do Mundo e O Tempo das Tribos.

¹⁴Ver Pierre LÉVY, As Tecnologias da Inteligência.

mundo de informações ao alcance do meu mouse. Essa aceleração e esse desejo de busca acionado a sua potência máxima, sem que se chegue a encontrar o objeto desejado/buscado, produz no sujeito condições existenciais contrárias às necessárias ao processo de escrita. Falta tempo para amadurecer o pensamento, assim como falta para amadurecer o desejo. Eu disse em outro momento que o desejo na contemporaneidade é amadurecido à força como as frutas que nós compramos na feira¹⁵. Assim ocorre também com os processos de escrita. Ficam sem gosto, podem até ter uma estética cuidada, mas a substância está comprometida.

O sujeito baratatonta é alguém marcado pela falta de referências. A crise nas instituições de modo geral fez com que o ser humano contemporâneo atingisse essa tal desorientação a que estamos presenciando. A crise dos paradigmas expressa-se nas minúcias do cotidiano e isso não poderia deixar de refletir na escrita. O dispositivo de que trato aqui é intrinsecamente ligado aos processos de codificação. Esta é uma constatação possível desde o seu surgimento na Mesopotâmia até os dias atuais. Também é possível, quando considero o desenvolvimento do processo de escrita de um ser humano. A escrita coroa o domínio do código. A crise nas instituições, no sistema de referência, é, na verdade, a crise com o que institui as referências, uma crise com o código. Também é, lógico, uma crise com a Língua instituída.

Mas não é só isso. A negação da linguagem, do pacto simbólico estabelecido na relação com o outro, na constituição do social, aparece com muita força. É disso que falo, quando discuto processos de escrita na contemporaneidade. A negação da linguagem e, mais ainda, da escrita que é lei, lei de reconhecimento, lei que regula o passado e o presente, que expõe à valorização ou desvalorização o sujeito - sempre imperfeito. Falo de um contemporâneo que exacerba a vivência dos paradoxos. Uma explosão de matérias de expressão¹⁶ ...que estonteia, que põe em dúvida, que dá insegurança.

Interessante observar a ‘fala’ de Eric Havelock, comentando um livro de Harold Innis, publicado em 1951. Havelock chama a atenção para o fato de que Innis chegou à conclusão de que os meios de comunicação não deixam tempo para o sujeito pensar, dando conta desta exacerbação do campo da expressão:

¹⁵ Maria Luiza Cardinale BAPTISTA, Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos, p.72.

¹⁶ Cf Suely ROLNIK, Cartografia Sentimental.

Notícias instantâneas roubam-lhe o sentido histórico, impedem-no de olhar para o passado e tiram-lhe a capacidade de ver o futuro, de enxergar as prováveis conseqüências das decisões do presente.¹⁷

A trama de dispositivos comunicacionais envolve o sujeito numa espécie de circuito nervoso, elétrico, ágil, veloz. Estudando a comunicação, melhor dizendo, o que estou chamando de a Psicomunicação, tenho dito que este estontear-se traz características semelhantes às da adolescência. Algo que pode ser considerado como o processo de adolescentização da humanidade. Para o sujeito sair da adolescência, por exemplo, há um longo processo, cheio de tentativas, de inventividade, de novos laços, de incertezas, de amores não correspondidos, traições, de apego às tribos, aos grupos, de sensação de solidão - a paixão à flor da pele, até as últimas conseqüências...matar ou morrer, se isto for em nome do prazer; a busca desesperada por novas emoções, que aplaquem este desconforto supremo, imenso, infinito...ser humano à beira de um ataque de nervos... E essa turbulência contrapõe-se à lógica da escrita, que pede uma certa quietude interna para remexer nas palavras, remexer-se.

Mais ainda, a escrita como dispositivo de inscrição do sujeito visando a colocá-lo nesse ‘mercado’, no sentido amplo que venho tratando aqui - coloca-se como constituição de presença, de materialidade, de corporalidade, de um corpo que se constitui e se entrega, existindo presente para que o Outro analise, questione, critique, comente os detalhes. E esta constituição de presença, de materialidade, de corporalidade contraria a lógica da trama comunicacional, em que a substituição constante, desenfreada, é encarada como norma. Comunicação do efêmero. Um mundo que se dissolve em efeitos especiais. Aciona as sensações ao máximo. Parafraseando um comercial veiculado nas televisões brasileiras: Provoque suas sensações até não aguentar mais...E o mundo das sensações provocado produz movimentos intensos, sem dúvida com poder imenso de sedução, mas também muitas vezes avassaladores, como as águas que invadiram o Titanic.

Agora não há outra música senão a das palavras, e essas, sobretudo as que estão nos livros, são discretas, ainda que a curiosidade trouxesse a escutar à porta alguém do prédio, não ouviria mais do que um murmúrio solitário, este longo fio de som que poderá infinitamente prolongar-se, porque os livros do mundo, todos juntos, são como dizem

¹⁷ Eric HAVELOCK, “A Equação Oralidade - Cultura Escrita: uma Fórmula para a Mente Moderna”, p.20.



que é o universo, infinitos. Quando a leitura terminou, noite dentro, o velho da venda preta disse. A isto estamos reduzidos, a ouvir ler, Eu não me queixo, poderia ficar assim para sempre, disse a rapariga dos óculos escuros, Nem eu me estou a queixar, só digo que apenas servimos para isto, para ouvir ler a história de uma humanidade que antes de nós existiu, aproveitamos o acaso de haver aqui ainda olhos lúcidos, os últimos que restam, se um dia eles se apagarem, não quero nem pensar, então o fio que nos une a essa humanidade partir-se-á, será como se estivéssemos a afastar-nos uns dos outros no espaço, para sempre...¹⁸

Bem, apresentei algumas pistas com as quais tenho trabalhado na abordagem dos processos de escrita dos jovens adultos, como expressão do que chamo de a trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. Espero que estes sinais apontados ajudem, de algum modo, a repensar a sua relação com a escrita. De algum modo, espero que fiquem ecoando, para serem amadurecidos... A escrita é dispositivo de relação amadurecida. Sim, porque para que você esteja me entendendo é preciso um aprimoramento de nossa parte quanto à codificação e à decodificação, o que implica uma sofisticação no contrato de relação, para possibilitar a ‘comun-i-cação’, ação compartilhada, uma espécie de comunhão do viver junto, no sentido que Maffesoli aborda o ideal comunitário. Obrigada pela parceria. Até outras palavras...quem sabe você me manda algumas por e-mail????malu@pazza.com.br. Quem sabe você me manda um bilhete, um recado...Escrita Cúmplice.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “A Busca do Sujeito-Sujeito”. São Paulo, ECA/USP, 1991. xerox.
- _____. “A Comunicação das Baratas Tontas”. Logos, Ano 5, n. 2, 1993.
- _____. “A Interação Subjetiva com o Receptor”. Logos. Ano 7, n.1, 1995/1.
- _____. “A Recepção, o Visual e o Sujeito”. Caesura, Canoas, n.8, jan/jun 1996, p.p. 3-9.
- _____. “Decifra-me ou te Devoro”. In LIMA, Edvaldo Pereira (org.). Econautas. Ecologia e Jornalismo Literário Avançado. Canoas, ULBRA/ Fundação Peirópolis, 1996.
- _____. Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos. Canoas, ULBRA, 1996.
- BARBERO, Jesus Martin. De Los Medios a las Mediaciones. Comunicación, Cultura y Hegemonia, Barcelona, Gustavo Gili, 1987.
- _____. “Panorama Bibliográfico de la Investigación Latinoamericana en Comunicación: 1985-89”, TELOS, 19.

¹⁸ José SARAMAGO, Ensaio sobre a Cegueira, p.290.



- _____. “ América Latina e os Anos Recentes: o Estudo da Recepção em Comunicação Social”. In: Mauro Wilton de SOUSA (org.). Sujeito, o Lado Oculto do Receptor. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. 3ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1993.
- _____. O Grau Zero da Escrita. Lisboa, Edições 70, s.d.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de Comunicação Escrita. 3ª edição, São Paulo, Ática, 1986.
- BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken et alii. Cultura, Pensamento e Escrita. São Paulo, Ática, 1995.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. 2ª edição revista, São Paulo, Moraes, 1974.
- CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12ª edição, São Paulo, Cultrix, 1991.
- _____. O Tao da Física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental, 11ª edição, São Paulo, Cultrix, 1990.
- _____. A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9ª edição, São Paulo, Cultrix, 1997.
- COMPARATO, Doc. Roteiro. A Arte e a Técnica de Escrever para Cinema e Televisão. 2ª edição, Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.
- CREMA, Roberto. Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo, Summus, 1989.
- DEBRAY, Régis. Lo Stato Seduttore. Le Rivoluzioni Mediologiche del Potere. Roma, Sisifo, 1994.
- DEBRAY, Régis. Vida e Morte da Imagem. Uma História do Olhar no Ocidente. Petrópolis, Vozes, 1993.
- ECO, Umberto. Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo, Ática, 1991.
- _____. Leitura do texto literário. 2ª edição, Lisboa, Presença, 1993.
- _____. Interpretação e Superinterpretação. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- _____. Seis Passeios pelos Bosques da Ficção. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Prática de Texto. Petrópolis, Vozes, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRO, Emilia e PALACIO, Margarita Gomes (coords). Os Processos de Leitura e de Escrita. 3ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- GIOVANNINI, Giovanni. Evolução na Comunicação. Do Sílex ao Silício. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- GUIMARÃES, Elisa. A Articulação do Texto. São Paulo, Ática, 1990.
- GUATTARI, Félix. Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. O Inconsciente Maquínico. Campinas, Papyrus, 1988.
- _____. Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo. 3ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. As Três Ecologias. 3ª edição, Campinas, Papyrus, 1981.
- _____. e DELEUZE, Gilles. O que é a Filosofia?. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- _____. e ROLNIK, Suely. Cartografias do Desejo. 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986.
- HAVELOCK, Eric. A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais. São Paulo:Rio de Janeiro, Editora da Universidade Estadual Paulista: Paz e Terra, 1996.



- _____. “A Equação Oralidade – Cultura Escrita: uma Fórmula para a Mente Moderna.” In: Cultura, Escrita e Oralidade. São Paulo, Ática, 1995.
- KEHL, Maria Rita. “Imaginar e Pensar”. In: Rede Imaginária. Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1991.
- _____. “Imaginário e Pensamento”. In: Mauro Wilton de SOUSA (org.). Sujeito. O Lado Oculto do Receptor. São Paulo, Brasiliense:ECA, 1995.
- _____. “A Psicanálise e o Domínio das Paixões”. In Sergio CARDOSO et alii. Os Sentidos da Paixão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- KERCKHOVE, Derrick. La Civilizzazione Video-Cristiana. Milano, Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1995.
- _____. A pele da cultura. Uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa, Relógio D’água, 1997.
- KRISTEVA, Julia. História da Linguagem. Lisboa, Edições 70, s.d.
- LANDON, George P. Iper testo. Il Futuro della Scrittura. Bologna, Baskerville, 1993.
- LANUZA, Stefano. Storia della Lingua Italiana. Roma, Newton Compton Editori, 1994.
- LEVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, ed. 34, 1993.
- LOPES LIMA, Sandra Lúcia. História & Comunicação. São Paulo, EBART, 1989.
- LUFT, Celso Pedro. Língua & Liberdade. 3ª edição, Porto Alegre, L&PM, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro, Forense, 1987.
- _____. A contemplação do mundo. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.
- _____. No fundo das aparências. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. A Linguagem da Sedução. A Conquista das Consciências pela Fantasia. São Paulo, Com-Arte, 1985.
- _____. (coord.) Pensar-Pulsar. Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade. São Paulo, Edições NTC, 1996.
- _____. “A Produção Social da Neurose”. Cadernos Cedes. A Construção Social da Inconsciência. São Paulo, Papirus, 1985.
- _____. Sociedade Tecnológica. São Paulo, Scipione, 1994.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista. O Diálogo Possível. São Paulo, Ática, 1986.
- _____. “O Signo em Processo”. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação, setembro de 1994, xerox.
- _____. (org.). Novo Pacto da Ciência. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP, 1990-1991.
- _____. e GREGO, Milton. (orgs.). Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas. São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1994.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. São Paulo, Instituto Piaget, 1991.
- _____. Para sair do século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- _____. O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre, Sulina, 1998.
- _____. “O pensamento em ruínas”. In: A decadência do futuro e a construção do presente. Florianópolis, UFSC, 1993.
- _____. et alii. O problema epistemológico da complexidade. 2ª edição, Portugal, Europa-América, s.d..



- NÖTH, Winfried. Panorama da Semiótica. De Platão a Peirce. São Paulo, Annablume, 1995.
- NOVOS OLHARES. Revista de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos. Ano 1, nº 1. 1º semestre de 1998.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. “O Verbal e o Não-Verbal”. Revista USP. Dossiê Palavra/Imagem, nº 16, dezembro de 1992-fevereiro de 1993.
- OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. Cultura, Escrita e Oralidade. São Paulo, Ática, 1995.
- PACHECO, Elza Dias. “Variáveis Psicológicas no Estudo da Comunicação”. Intercom - Revista Brasileira de Comunicação. Ano X, n.56, 1987.
- PÁDUA, Elisabeth Matallo Marchesini de. “O Trabalho Monográfico como Iniciação à Pesquisa Científica”. In: Maria Cecília M. de CARVALHO (ORG.). Construindo o Saber. Técnicas de Metodologia Científica. Campinas, Papirus, 1988.
- PARENTE, André (org.). Imagem Máquina. A Era das Tecnologias do Virtual. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. São Paulo, Ática, 1987.
- RASTIER, François. “Complexidade Semântica e Contexto”. In RECTOR, Mônica e NEIVA, Eduardo (orgs.). Comunicação na Era Pós-Moderna. Petrópolis, Vozes, 1995.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. Linguagem Autoritária. Televisão e Persuasão. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- ROCHA, Everardo Passos Guimarães. Magia e Capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- _____. A Sociedade do Sonho. Comunicação, Cultura e Consumo. Rio de Janeiro, Mauad, 1995.
- RODRIGUES FERNANDES, Heloísa (org.). Tempo do Desejo. Sociologia e Psicanálise. 2ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1991.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental, São Paulo, Liberdade, 1989.
- _____. Memorial. Concurso para ascensão na Carreira para Professor Titular. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.
- _____. “Subjetividade e História”. Mesa Redonda no Curso de Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae, setembro de 1992 (xerox).
- _____. “Cidadania e Alteridade”. Mesa Redonda no IV Encontro Regional de Psicologia Social da ABRAPSO, 30 de maio de 1992. xerox.
- _____. “A Morte de Guattari”. Rio de Janeiro, Homenagem a Guattari, Colégio Filosófico Internacional de Estudos Interdisciplinares, 8 de outubro de 1992, xerox.
- SANTAELLA, Lúcia. Cultura das Mídias. São Paulo, Razão Social, 1992.
- _____. O que é Semiótica. 4ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1986
- _____. “Palavra, Imagem & Enigmas”. Revista USP. Dossiê Palavra/Imagem, nº 16, dezembro de 1992-fevereiro de 1993.
- SANTOS, Boaventura Souza. Um discurso sobre as ciências. 2ª edição, Porto, Afrontamento, 1988.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Introdução à Teoria da Comunicação. (“Coleção Pistas”), São Bernardo do Campo, Editora do IMS, 1992.
- SARAMAGO, José. Ensaio sobre a Cegueira. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 16ª edição, Cortez:Autores Associados, 1990.



- SOUSA, Mauro Wilton de. (org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- VATTIMO, Gianni. La sociedad transparente. 2ª edição, Paidós Ibérica, 1996.
- VYGOTSKY, L.S.. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa, Presença, 1987.